

CORPO-FAMÍLIA: ENTRE OS BEIJOS VETADOS NA NOVELA DAS OITO E O SUCESSO DOS 2 FILHOS DE FRANCISCO

Ivontonio Gomes Viana*

Os elementos motivadores que me levaram a pensar este artigo podem ser circunscritos nas seguintes questões: quem nunca ouviu aquela “máxima” de que a família é a célula da sociedade, pois sem ela a vida social simplesmente não existiria? Ou melhor, qual o estudante de Psicologia ou profissional de Psicologia que não foi repreendido por um familiar, pessoa próxima ou colega de trabalho no sentido de que é preciso valorizar e defender a família acima de tudo, pois é ela sagrada e, verdadeiramente, nosso porto seguro? Lugar, por excelência, da afetividade, da sinceridade, da aceitação e do acolhimento? Não seriam estes discursos que se afirmam e se reafirmam no nosso cotidiano? Penso de maneira mais angustiada ainda: quantas pessoas devem sofrer por não encontrarem na família a qual pertencem um reflexo de suas vidas e experiências? Seriam elas pessoas desprovidas de sentimento? Insensíveis ou insanas? Ou como já ouvi de alguém próximo: “você é uma pessoa sem coração! Pai e mãe a gente ama e pronto!” Isso para não arrematar a discussão com as seguintes frases: “foi Deus quem te deu pai e mãe: você tem que agradecer! Por isso você tem que aceitar! Contrariar é pecado!” Confesso que estas últimas frases me deixam de cabelo em pé.

Pois bem. Foi pensando nessas questões do nosso cotidiano de brasileiro, de nordestino, de paraibano e, principalmente, de patoense do sertão da Paraíba que fiquei a refletir sobre essas duas famílias que mexeram e estão ainda mexendo com o imaginário das pessoas em geral. Digo imaginário no sentido de que é visível aí uma rede de significações, de crenças, de valores, de atitudes que repercutem na vida das pessoas e as fazem afirmar e reafirmar algumas práticas sociais (CERTEAU, 1994 e GEERTZ, 1997). Em outras palavras, falo imaginário enquanto tecido onde a trama social encontra coerência e unidade mesmo nas práticas mais incoerentes, injustas e dispersas.

Mas, afinal que duas famílias seriam estas que mexeram e estão mexendo com o imaginário das pessoas em geral? A resposta é simples: a família de Júnior e sua mãe, a viúva Nelta da novela das oito: “*América*”, escrita por Glória Pérez. E a família do Seu Francisco e seus dois filhos famosos, Zezé e Luciano. Poderíamos até mesmo já nos perguntar: por que famílias tão diferentes provocariam tanta discussão? Haveria aí que tipo de elementos tão fascinantes? Poderíamos estabelecer relações? Penso que aparentemente não. Entretanto,

* Professor do Depto. de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, psicólogo, Doutorando e Ms. em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

parece haver aí um ponto em comum: essas famílias sim são células da sociedade. São organismos. Não vejo corpos! Ou melhor, não sinto corpos aí. De um lado uma viúva fálca, um pai morto (sagrado!) e um filho *gay* ou, para ser politicamente correto, “entendido”! (Neste momento peço licença aos psicanalistas de plantão – isso aqui é apenas uma interpretação selvagem como diria o velho Freud! Mas, qual o psicanalista que não vive de interpretações selvagem? Deixa pra lá!). Tudo muito arrumadinho: Júnior, viúva Nelta, o casamento de aparência, o namorado submisso da viúva, enfim... Mesmo diante de tanta “adversidade”: tudo no seu devido lugar. Uma bagunça organizada! Tudo como que num roteiro prescrito de um sucesso barato de folhetim das oito. Realmente, Glória Pérez perdeu a mão! Afinal, Bruno Gagliasso como um “entendido” em vias de sair do armário é realmente de deixar o público feminino e masculino entorpecido, para não dizer hipnotizado, afinal a simples possibilidade de Bruno estar na próxima capa da revista *G Magazine* nutriu o sonho de muitos telespectadores.

No nosso segundo caso, o filme “*2 filhos de Francisco*”, dirigido por Breno Silveira, temos também um organismo, uma célula programada para vencer. Os pais se amam veementemente (incondicionalmente!), apesar da mãe não ser citada no título do filme, e os filhos que, por mais que sejam muitos, apenas dois se escrevem enquanto “indivíduos”, os outros são “meros indivíduos” (Lembrem-se: o nome do filme é “2 filhos de Francisco”) – “indivíduos” e “meros indivíduos” que são categorias postuladas por Figueiredo (1997). E os outros filhos e filhas? Onde estão? Creio que são apenas membranas – coadjuvantes de uma história predestinada. Figurantes de uma história que não os pertence. Tanto é que no final do filme – momento mais emotivo (“diga-se de passagem”) – temos no palco apenas as quatro figuras principais: o pai, a mãe, Zezé e Luciano. E acrescentaria aí apenas o verdadeiro mar de fãs que consagram aquele momento. A família Camargo é, assim, também um organismo vivo, programado para o sucesso!

Mas, afinal que corpo ou organismo seriam estes? Poderíamos falar de Corpo-família ou seria mais apropriado falar de Organismo-família?

Permitam-me uma digressão.

Pode-se afirmar sem muito receio que o estudo das temáticas ligadas ao corpo só começam a ganhar destaque muito recentemente, pois a história do homem ocidental encontra-se marcada, principalmente, no que tange ao homem moderno, pelo desprezo para com o corpo e suas possíveis expressões. Qualquer sensação precisava ser decodificada, percebida à luz da racionalidade – instância central que serve como parâmetro para as experiências pertinentes e dignas de apreensão.

Percebam que foi preciso afastar o corpo na Modernidade, pois é ele que trazia as mazelas subjetivas pela contaminação dos afetos e desejos. Não era à toa que a cultura era compreendida como dissociada do social. Não era à toa que no campo da política o que vigorava era o discurso da representação com a sua democracia indireta. Não era à toa que a saúde era definida como o não patológico. Não era à toa que a sujeira, seja ela de qual ordem fosse, precisava passar por um tratamento cirúrgico, ser extraída violentamente até sua raiz. Não era à toa que a imagem própria da Modernidade foi a guilhotina e a mesa de dissecação. Ou seja, uma cabeça sem corpo ou um cadáver (MORAES, 2002).

A Modernidade, portanto, pode ser entendida como o processo radical de aniquilamento do corpo. Este precisava ser afastado do *pensar* e, principalmente, do *fazer* moderno. Tanto do mundo das idéias, quanto do mundo material. Processo evidentemente que não aconteceu da noite para o dia. Foi preciso todo um movimento histórico que teve como marco inicial as transformações sociais, políticas, culturais e tecnológicas ocorridas a partir do século XVI – momento da passagem de uma Sociedade Primitiva ou Fechada para uma Sociedade Complexa ou Aberta. Declínio do Feudalismo e introdução do modo de produção capitalista. Surgimento das classes sociais, nas quais a vida deixa de ser predestinada e marcada pela tradição com suas identidades rígidas. A vida, então, passa a ser incerta, sem um destino previamente traçado, tendo ainda para as identidades a fragmentação como característica principal. Homem que precisa responder por suas ações e por elas conduzir e construir diariamente o seu caminhar – Homem Moral – que perante sua responsabilidade tem agora que se lançar na luta com o social deixando de lado seu papel de mero coadjuvante – situação de naturalização da ordem vigente onde o questionamento era impensável, haja vista a natureza ter total supremacia. Agora, no entanto, esta precisava ser domada, explorada e explicada. A ciência começava a ganhar terreno e qualquer explicação da realidade que não passasse pelo seu crivo, seja religiosa ou filosófica, seria logo descartada e ridicularizada. A oralidade perde radicalmente seu espaço, bem como o mundo das imagens é desconsiderado. O importante é a letra, a escrita e tudo aquilo que se enquadre dentro de um olhar objetivo e quantificável. Em palavras mais simples: “*É preciso ver para crer!*” O olhar passa a ser direcionado e vigiado. O ritmo das fábricas molda os corpos e impõe um novo tempo e um novo espaço. Percebe-se, desta feita, que o momento é, então, de nascimento de um homem diferente daquele da Antiguidade e da Idade Média, jamais visto antes, forjado no campo das idéias e das práticas, viajante de um mundo que não se restringe apenas a Europa. Um homem, em síntese, estilizado e, portanto, repleto de diferentes modos e estilos de vida (MARTINS, 1994; VELHO, 1994 e FIGUEIREDO, 1996).

Foucault (1988: 06), por exemplo, nos ajuda a pensar neste sentido quando nos diz:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”.

A descrição feita acima só reforça a idéia que estamos desenvolvendo até o presente momento, qual seja: a idéia de que a Modernidade vem realmente instaurar um novo corpo no seio da sociedade ocidental. O segredo, o disfarce, a vergonha, a decência, a patologia, a separação entre os corpos e a intimidade como invenções da Modernidade. São justamente as consequências da construção do campo da privacidade e da liberdade. Se antes, como nos diz Foucault (1988), “*os corpos pavoneavam*” como que num espetáculo medieval sem limites e/ou pudores, agora, a vergonha sela suas tentativas de expressão. Para tudo passa a existir hora e lugar. Quando muito, recordando Onfray (1999), é possível viver a ‘excentricidade’ (“*corpo excêntrico*”) ou o ‘delírio’ (“*carne que delira*”). Nem por isso o silêncio impera, pois o que reina agora é a arte de dissimular. A sexualidade torna-se pedra de toque quando o assunto é a Modernidade.

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais (...). (FOUCAULT, 1988: 21-22).

A expressão de maior destaque aqui é a noção de “*explosão discursiva*”, isto é, assim como as práticas entre os corpos se multiplicam assumindo sentidos anteriormente inexistentes, os mesmos agora passam a poder ser subjetivados e, porque não dizer,

adjetivados das mais variadas formas. Caso queiramos uma ilustração significativa deste processo, basta lembrar do trabalho de Moraes (2002) quando ela mostra a trajetória sofrida pelo corpo na Modernidade a partir da experiência da arte moderna, a saber, trajetória na qual o homem torna-se uma cabeça sem corpo (imagem da degolação de São João Batista operada por Salomé), tão difundida no final do século XIX, e sua transfiguração, na contemporaneidade, num corpo sem cabeça (imagem do acéfalo contemporâneo).

Como podemos ver o percurso demarcado por Moraes (2002) toca consideravelmente na forma como o corpo foi sendo editado ao longo da Modernidade. Evidentemente que a primeira referência feita por ela faz menção ao século XVIII com a expressiva cena de horror na qual a atração principal era a cabeça decepada dos guilhotinados.

Uma outra forma de falar deste processo de constituição da Modernidade e seus corpos “*excêntricos*”, só que em outros termos, pode ser verificada no pensamento de Certeau (1994). Afinal, o mesmo nos mostra a Modernidade como o surgimento de uma sociedade marcada pela escrita e conseqüente invenção dos aparelhos escriturísticos (máquina de escrever, computador, gravadores e demais instrumentos de reprodução), os quais nos colocam sob a máxima do disciplinamento do corpo – da rigidez da gramática.

A prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história. Entendo por mito um discurso fragmentado que se articula simbolicamente. No Ocidente moderno, não há mais um discurso recebido que desempenhe esse papel, mas um movimento que é uma prática: escrever. A origem não é mais aquilo que se narra, mas a atividade multiforme e murmurante de produtos do texto e de produzir a sociedade como texto. O ‘progresso’ é de tipo escriturístico (CERTEAU, 1994: 224).

Tomando como referência o pensamento acima explicitado, nos é possível entender melhor o porquê do corpo estar sendo tomado como peça chave nas reflexões contemporâneas. O motivo parece residir justamente naquilo que Certeau (1994) vem chamar nossa atenção, a saber, as ditas novidades tecnológicas, culturais, sociais e políticas inauguradas pela Modernidade encontram no corpo espaço privilegiado no qual a história ocidental pode ser escrita em tons de progresso. Explico melhor. A escrita, para Certeau (1994), ocupa um lugar iniciático na nossa sociedade moderna, ou seja, é a partir do ato de escrever e da difusão desta escrita que esta sociedade, que tanto valoriza a objetividade, a racionalidade, pôde começar e não recomeçar a construir a sua história. A idéia é esta mesma,

a idéia de que esse homem moderno possui um estatuto diferente do homem de outrora. Homem fora desse contato harmônico com a natureza e que, portanto, encontrava-se marcado pela escrita em detrimento da oralidade. Como ilustração expressiva dessas assertivas, o referido autor nos lembra Robinsom Crusóé – personagem escrito por Daniel Defoe – que ao ficar isolado numa ilha passa a tomá-la para si na medida em que toma a decisão de escrever um diário e, portanto, passa a apropriar-se daquilo que antes poderia ser concebido como o “natural”.

Que relações poderíamos estabelecer, então, com nossos Corpos-família ou Organismos-família já mencionados anteriormente?

Num primeiro momento, poderia dizer que são famílias ideais, sem conflito. Verdadeiros organismos ou micro-organismos vivos.

No caso de Júnior e sua mãe era visível um paradigma pouco convincente acerca da experiência homossexual. Júnior podia ser tudo, desde que não quebrasse com o encantamento da virilidade masculina idealizada pelas inúmeras mulheres que o rodeavam (sua mãe, a moça que se apaixona por ele, etc.). Sendo mais claro: a própria imagem de um “*entendido*” pouco efeminado, inteligente, gentil, bom filho, respeitoso, solidário deixou muitos homossexuais indignados, principalmente aqueles que reconhecem que, muitas vezes, essa imagem só reforça o preconceito como se todo homossexual, para ser respeitado e aceito, tivesse que corresponder àquela imagem do *gay*, do “*entendido politicamente recatado*”, “*discreto*”, um organismo geneticamente programado e que, amiúde, encontra respaldo no discurso de alguns militantes do movimento *gay* no nosso país. Um discurso higienista, na verdade! A tática encontrada hoje por muitos movimentos sociais no sentido de afirmarem a experiência homossexual como tendo uma justificativa genética é realmente problemática e, no mínimo, ingênua! Eles dizem: “Júnior já nasceu assim! Ele é *gay* por conta da natureza!” Em suma, o fato da rede Globo ter vetado o beijo é apenas a comprovação de que existe limites que precisam ser preservados, uma vez que a família necessita continuar no seu pedestal! O curioso é transformar esta discussão numa discussão de consumo. Ou seja, se foi dito que haveria o beijo, os consumidores da novela foram lesados porque o beijo não aconteceu. Logo, vamos processar a emissora! Na verdade, até entendo a lógica do argumento, mas confesso que ele nem chega próximo das questões mais significativas, pois estas são de ordem política e social. Já que estamos tocando neste assunto, vale apenas resgatar a vitória de Jean Wyllys no BBB – *Big Brother Brasil*. Talvez ali tenhamos um paradigma interessante. A homossexualidade aqui também foi cooptada, transformada e embalada em produto comercial. Não nego a possibilidade de Jean ter sido ou ser alguém

interessante e até especial (alguém que tinha boas intenções!), no entanto foi e ainda é visível que o mesmo se tornou um apêndice da sua condição homossexual, um fantoche diante do mercado em busca de novidades. Um *gay* que conquistou o país e virou celebridade. Garoto propaganda de uma blusa de São Jorge, um escritor de intimidades... Por onde andará Jean? Talvez esperando a próxima Casa dos Artistas... Como os objetos são tão efêmeros, por que não vendermos subjetividades a atacado e varejo para a população em geral? Num outro contexto, poderíamos dizer: e os *gays* que não refletem o estereótipo de Jean ou Júnior? Eles seriam as sombras ou a porção defeituosa de *gays*-cidadãos? Que política seria esta? E os *gays* afeminados, nada inteligentes, nada criativos, feios, sem escrúpulos, invejosos e promíscuos? Não seriam eles também cidadãos? Enfim, a homossexualidade aqui é mais uma vez tolerada desde que se enquadre nos ditames de uma sociedade hipócrita que continua associando homossexualidade à marginalidade.

No caso da família de Francisco, temos uma trama sem conflito. Mulheres fortes que se “deixam levar”, ou melhor, permitem-se ser levadas por maridos sonhadores e obstinados com o sucesso e a necessidade de mudança de vida. Talvez seja aqui o ponto mais polêmico: o que moveu a família de Zezé e Luciano? No filme percebo apenas o campo da necessidade. Não senti um vínculo com a arte. Fazer arte. Transpor a realidade e compreender a vida a partir da arte não me parece ter movido a família em questão. Era preciso mudar de vida a todo custo. Haveria ali artistas? Sinceramente não. Vejo sim: profissionais da arte. Penso que a cena que talvez abriria um novo caminho na trama encontra-se quase no final do filme quando o Seu Francisco ao olhar o disco do filho que encalhou nas lojas pergunta para a mulher acerca de que sonho era aquele. O que havia dado errado? E ela responde: “*não sei de sonho nenhum, pois criei essas crianças acordada, de olhos abertos!*”. Talvez não saiba ela que de olhos abertos, acordado se pode sonhar muito mais do que quando, muitas vezes, estamos dormindo. Talvez esteja aí os sonhos mais perigosos. Evidentemente que esta cena é logo substituída por um retorno à obstinação de chegar às paradas de sucesso.

Num sentido mais específico é preciso reconhecer que aquilo que pode ser encontrado entre o beijo vetado na novela das oito e o sucesso dos 2 filhos de Francisco é o mito romântico da família natural. Ou seja, o discurso e edificação da noção de família como célula da sociedade. Sua função domesticadora, docilizadora e que prepara o homem para uma vida engessada ao social. Num exemplo e no outro o conflito praticamente inexistente. A vida toma ares de predeterminação. Júnior com sua natureza *gay*, “*entendida*” e Zezé e Luciano com seus “dons”, “vocações” para a música! Enfim, Organismos-família que só reforçam a opressão social para com aqueles que possuem estilos e modos de vida que fogem aos limites

já traçados para aqueles que são considerados “desviantes” e/ou “marginais”. Fica, então, uma pergunta no ar: como articular o corpo nesta discussão sobre cultura e identidade se o corpo traz fortemente a marca das intempéries humanas e sociais? Penso que o corpo é infelizmente sempre deixado de lado quando é preciso problematizar nossa ação enquanto cientistas sociais contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 2 FILHOS DE FRANCISCO. Direção: Breno Silveira. Produção: Luiz Noronha, Leonardo Monteiro de Barros, Pedro Buarque de Hollanda e Breno Silveira. Roteiro: Patrícia Andrade e Carolina Kotscho. Intérpretes: Ângelo Antonio, Jackson Antunes, Zezé di Camargo & Luciano, Lima Duarte, Paulo Duarte, José Dumont e outros. 1 DVD (129 min).
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Educ: Escuta, 1996.
- _____. *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: Escuta, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Vozes: Petrópolis, 1997.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O que é sociologia*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. A decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille. São Paulo: FAPESP: Iluminuras, 2002.
- ONFRAY, Michel. *A arte de ter prazer*. Por um materialismo hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.